



MICROCONTEÚDOS E ENSINO DE HISTÓRIA

Vítor Bierhals Fagundes da Silva¹

Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir e problematizar a utilização de microconteúdos audiovisuais e das novas redes sociais como ferramentas pedagógicas. Além disso, busca explorar alternativas concretas e mapear o potencial desses novos ambientes digitais no contexto das aulas de História na Educação Básica e na prática docente.

Esta discussão tem como ponto de partida a experiência vivenciada durante o estágio de docência em História, realizado com duas turmas concluintes do Ensino Fundamental na modalidade EJA. Nesse contexto, a inserção de microconteúdos na abordagem expositiva mostrou-se eficaz para aproximar os estudantes dos objetos de conhecimento, promovendo discussões e estimulando a participação ativa durante as aulas.

O artigo também parte de experiências pessoais, bem como de relatos compartilhados na sala dos professores e em comunidades pedagógicas online. Esses espaços refletem o cotidiano de educadores que enfrentam o desafio de engajar estudantes, especialmente em um cenário onde o consumo de redes sociais e o uso intensivo de dispositivos móveis moldam os hábitos e a atenção das novas gerações.

A relevância dessa discussão encontra-se, primeiramente, no crescimento exponencial da circulação e do consumo de conteúdos audiovisuais curtos, especialmente entre jovens de 12 a 18 anos, público presente nas salas de aula. Diante desse cenário, marcado pela influência de plataformas como Instagram e TikTok, bem como de digital influencers, surge a questão: de que maneira a escola tem gerado espaço para essas novas formas de aprender e engajar os estudantes? “Se vivemos na era da tecnologia, urge ao professor acompanhar as demandas de seu tempo” (Moraes, p.16)

¹ Licenciando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. vitorbierhals03@gmail.com

Microconteúdos e validação estética nas redes sociais

Os conceitos de microconteúdo e microaprendizagem, amplamente explorados nas áreas de marketing e design digital, ainda são relativamente desconhecidos no campo da educação, especialmente no ensino de História no Brasil.

Microconteúdos incluem desde podcasts e postagens em plataformas como Facebook, Threads ou X, até, especialmente, recursos audiovisuais de curta duração compartilhados em redes sociais como Instagram e TikTok, que são o foco desta discussão. O termo "microconteúdo" foi cunhado por Jakob Nielsen² em 1998, quando ele chamou atenção para a importância de estratégias de marketing que utilizassem pequenos conteúdos bem planejados em e-mails e websites (Souza; Amaral, 2013). Nielsen destaca não apenas o impacto financeiro positivo dessa abordagem, mas também antecipou um desafio que se tornaria essencial para trabalhar com a internet: a necessidade de capturar e manter a atenção do usuário em um ambiente cada vez mais saturado de informações (Nielsen, 1998).

A microaprendizagem está intimamente conectada ao consumo de microconteúdos, ocorrendo predominantemente de forma informal e, muitas vezes, de maneira não intencional nos ambientes virtuais marcados pela intensa circulação de informações. Nesse contexto, o consumo de microconteúdos atende a uma demanda específica dos usuários: o acesso rápido e simplificado a fragmentos selecionados de um conhecimento maior (Souza; Amaral, 2013). Assim, o usuário, em vez de buscar um entendimento profundo e completo sobre determinado assunto, consome pequenas porções de conteúdo que, ainda que isoladas, podem ser suficientes para despertar interesse, atender a uma necessidade imediata (Souza; Amaral, 2013) ou criar rasas noções de conhecimento, muitas vezes consolidadas e validadas a partir de recursos estéticos audiovisuais.

Na produção destes microconteúdos audiovisuais, a estratégia da validação estética se destaca como fator determinante na construção de credibilidade do conteúdo junto ao

² Cientista da Computação com Ph.D. em interação homem-máquina, e renomado especialista em melhorias rápidas e baratas de interface de usuário, usabilidade e design de interação.

público. Na era dos algoritmos e das playlists “*for you*”, a forma como você comunica importa mais do que o quê você comunica. A utilização de recursos de edição de vídeo, trilhas sonoras emocionantes, transições rápidas e “discursos autorizados” pelos criadores de conteúdo buscam não apenas capturar a atenção do usuário, mas fabricar autenticidade à narrativa proposta. Essa estratégia de apelo instantâneo às formas funciona como uma forma de validar o que está sendo comunicado, facilitando a absorção de informações, ao mesmo tempo que favorece uma conexão imediata com o público e potencializa os ganhos dos criadores.

No entanto, tal modelo de produção e consumo de conteúdo pode se apresentar de maneira extremamente problemática, pois pode contribuir para disseminação de conteúdos falsos ou manipulados. E o aumento exponencial do consumo deste novo formato de mídia, somado à valorização das plataformas pela forma ao conteúdo, pode favorecer narrativas ideologicamente alinhadas ou distorcidas. Podem mudar o entendimento do grupo de usuários acerca de eventos históricos, discussões políticas, debates do presente e perspectivas de futuro. E, portanto, tornam-se fundamentais para as nossas aulas de história.

Alternativas práticas para o ensino de história

Diante dos desafios do cenário apresentado, cabe a nós, profissionais da educação, transformar essa lógica em uma aliada para o ensino. A subversão criativa das dinâmicas de consumo de microconteúdos pode redefinir as práticas pedagógicas, especialmente no ensino de História.

A utilização destes microconteúdos audiovisuais de curta duração em sala de aula pode ter um grande potencial de encantamento nas aulas de história. A escolha de abordagens que implementem esta nova forma de consumo de conteúdo e informações tão familiar às novas gerações de estudantes pode engajar os estudantes de uma forma muito mais eficaz. Não só mantendo a concentração dos estudantes, mas despertando o interesse dos estudantes pela temática abordada pelo professor. A interação mediada por esses recursos digitais tem o poder de gerar um sentimento de proximidade ou empatia

com o conteúdo, ajudando a concretizar conceitos abstratos e a criar uma experiência de aprendizado mais significativa ao aproximar os estudantes sensorialmente dos objetos de estudo.

Contudo, para alcançar esses resultados, é essencial que os professores exerçam uma curadoria cuidadosa e promovam uma mediação crítica, garantindo que o uso desses materiais enriqueça o debate histórico e fomente reflexões críticas sobre o passado e suas conexões com o presente.

A implementação destes materiais nas aulas de História pode se dar de diversas formas criativas e alinhadas às necessidades pedagógicas de cada espaço. Uma possibilidade é utilizá-los como ponto de partida para introduzir ou contextualizar novos temas com os estudantes. Por exemplo, vídeos curtos disponíveis em plataformas como TikTok ou Instagram podem ser apresentados no início da aula para despertar o interesse dos estudantes e introduzir questões sócio-culturais complexas de maneira acessível. Como ao debater em sua aula questões como o trabalho e a uberização, insira vídeos de criadores de conteúdo que apresentam suas rotinas trabalhando diariamente nos aplicativos. Ao discutir temas relacionados ao Direito à Cidade, compartilhe vídeos do *tiktoker* “iae.break”, que diariamente compartilha com seus seguidores a rotina da vida na comunidade da Rocinha no Rio de Janeiro.

A utilização de *Tiktoks* e *Reels* para introduzir e materializar temas complexos foi um componente essencial em uma das aulas de História que abordava o grande tema do trabalho com estudantes do 9º Ano do Ensino Fundamental na modalidade EJA. Durante essa aula, conceitos marxistas como “trabalho necessário”, “trabalho excedente”, “força de trabalho”, “mercadoria trabalho”, “uberização” e, principalmente, “superexploração do trabalho” foram apresentados, além de se discutir um debate contemporâneo relevante: a disputa pelo fim ou manutenção da escala de trabalho 6x1.

Os microconteúdos desempenharam um papel fundamental durante a abordagem expositiva dialogada, funcionando como um recurso para resgatar a atenção dos estudantes, reiterar conceitos e enriquecer os argumentos apresentados. Incorporando a

estética, o padrão de comunicação das redes sociais e o poder de síntese característico dos produtores de conteúdo, esses vídeos criaram uma conexão imediata com o público-alvo.

O resultado foi extremamente positivo. Houve um aumento expressivo na participação dos estudantes, que fizeram intervenções mais posicionadas e argumentativas. Muitos se interessaram em saber mais sobre as figuras que protagonizaram os vídeos, enquanto outros demonstraram identificação ao ver, em sala de aula, personalidades que já consumiam nas redes sociais.

Na aula, foram utilizados microconteúdos protagonizados por Eduardo Marinho³, Pedro Cardoso⁴, Ricardo Antunes⁵ e Paulo Galo.⁶ Embora nenhum deles seja influencer ou produtor de microconteúdos propriamente ditos, os vídeos utilizados haviam sido editados e recortados por outros usuários, que adaptaram materiais originais para os formatos curtos e dinâmicos preferidos nas plataformas digitais. Essa adaptação permitiu não apenas a circulação desses conteúdos em redes sociais, mas também seu aproveitamento como ferramenta pedagógica em um contexto de ensino crítico.

Outra estratégia prática é integrar a produção de microconteúdos às atividades dos próprios alunos, incentivando-os a transformar o aprendizado em criação ou divulgação. Divididos em grupos, os estudantes podem ser desafiados a criar pequenos vídeos sobre figuras históricas, eventos marcantes ou debates sociais do presente, utilizando linguagem

³ Artista e pensador independente brasileiro, Eduardo Marinho é conhecido por suas reflexões críticas sobre desigualdade social, consumo e as contradições do sistema capitalista. Ele compartilha suas ideias em palestras, entrevistas e vídeos amplamente difundidos nas redes sociais, onde utiliza uma linguagem acessível e direta para instigar reflexões sobre a vida cotidiana e o papel do indivíduo na sociedade.

⁴ Ator, dramaturgo e escritor brasileiro, Pedro Cardoso ganhou notoriedade nacional por sua carreira na televisão, teatro e cinema, destacando-se por papéis emblemáticos como o de Agostinho Carrara no seriado *A Grande Família*. Além de sua atuação artística, Pedro tem se posicionado criticamente sobre questões culturais, sociais e políticas, frequentemente discutindo temas como a precarização do trabalho no setor artístico e a mercantilização da cultura.

⁵ Sociólogo e professor titular da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Ricardo Antunes é um dos principais estudiosos do mundo do trabalho no Brasil. Autor de obras como *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*, ele investiga questões relacionadas à precarização, uberização e as transformações no capitalismo contemporâneo, contribuindo para os debates acadêmicos e sociais sobre o trabalho e suas contradições.

⁶ Ativista e líder comunitário, Paulo Galo é um dos fundadores do movimento Entregadores Antifascistas, que luta contra a precarização do trabalho nas plataformas digitais. Galo ganhou destaque por suas ações e manifestações em defesa dos direitos dos trabalhadores de aplicativos, denunciando práticas abusivas e reivindicando melhores condições de trabalho e remuneração para a categoria.



e a estética próprias das redes sociais. Essa prática não só promove o protagonismo estudantil como também estimula habilidades de síntese, criatividade e comunicação. Essas intervenções ou inserções possibilitam um diálogo direto entre as práticas pedagógicas tradicionais e as dinâmicas digitais que se tornam cada dia mais presentes em nossas salas de aula, tornando o aprendizado mais significativo e conectado à realidade dos estudantes.

Conclusão

Esta reflexão buscou introduzir a discussão e lançar um olhar sobre o horizonte do uso de microconteúdos audiovisuais no ensino de História, destacando tanto os desafios quanto às potencialidades pedagógicas que eles oferecem. A discussão propõe que esses conteúdos, marcados por sua curta duração e validação estética, podem impactar profundamente a maneira como os estudantes se relacionam com estas novas mídias, tanto positivamente, ao engajar e despertar o interesse, quanto negativamente, ao apresentar e endossar narrativas superficiais ou enviesadas. No entanto, o potencial transformador reside no uso crítico e criativo desses recursos, articulando-os ao cotidiano e às necessidades das novas salas de aula do presente.

As intervenções propostas não se limitam ao emprego de microconteúdos com temas históricos já prontos, de criadores de conteúdo especialistas em História, mas priorizam o uso de conteúdos que retratam a realidade vivida e consumida pelos estudantes como ponto de partida para a análise crítica e o debate bem-posicionado. Ao aproximar o aprendizado do universo cultural dos jovens, essas práticas permitem enriquecer as discussões em sala de aula e promover maior participação estudantil.

Assim, o desafio do educador é transformar o consumo passivo em uma experiência reflexiva, integrando esses recursos às estratégias pedagógicas e, ao mesmo tempo, incentivando os estudantes a criarem e questionarem narrativas, em um movimento que coloca o ensino de História em diálogo constante com o presente.

Referências



MORAES, Daniela Martins de Menezes. *A produção de conteúdos audiovisuais no ensino de História: desafios e possibilidades*. 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

NIELSEN, Jakob. *Microcontent: How to Write Headlines, Page Titles, and Subject Lines*. Disponível em: <https://www.nngroup.com/articles/microcontent-how-to-write-headlines-page-titles-and-subject-lines/>. Acesso em: 25 dez. 2024.

SILVA, João Pedro Ferreira da. Os limites entre a História Pública e a História Digital: O Tik Tok e os horizontes possíveis. *Revista Espacialidades*, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 86-110, 2024.

SOUZA, Marcia Izabel Fugisawa; AMARAL, Sérgio Ferreira do. Modelo de produção de microconteúdo para aprendizagem com mobilidade. *Revista InovaEduc*, Campinas, SP, n. 2, p. 1-17, ago. 2013.